

No Bairro e No mundo, Atividade Artística Jurunense De Gaby Amarantos à Leona Vingativa¹

Izabele Caroline Leite Medeiros²

Felipe Trotta³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O bairro do Jurunas, periferia de Belém do Pará, famoso por sua riqueza cultural, é responsável por uma atividade artística efervescente desde que surgiu. Após a virada do século XX para o XXI e com o maior acesso à informática, várias práticas culturais são reinterpretadas, relacionando a cultura popular à cultura pop de modo dinâmico. O tecnobrega é um dos símbolos dessa interação entre local e global e a cantora Gaby Amarantos é a personificação desta conexão entre identidade jurunense e modernidade tecnológica. A lógica de pertencimento, associada às mídias sociais e culturas globais também é acionada nas obras da artista Leona Vingativa. Procuramos observar como de dá a formação cultural destas artistas, como ambas reivindicam esse lugar (o Jurunas) ao mesmo tempo que dialogam com o popular massivo, construindo ricas culturas na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: jurunas; identidade; tecnologia; Gaby Amarantos; Leona Vingativa.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

Refletir sobre as relações sociais, em especial as culturais e de produção artística, nas periferias mundo afora é interessante para percebermos quanto e como populações estigmatizadas e à margem das estruturas estatais e econômicas interagem com as tecnologias que têm à disposição. Desde a virada do século XX para o XXI, é notável a influência mútua da cultura popular e da cultura pop nas regiões periféricas, das heranças locais e do cosmopolitismo, dando corpo há diálogos um tanto dinâmicos entre tradição

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação;

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do IACS-UFF, e-mail: bele_leite@hotmail.com

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Estudos de Mídia do IACS-UFF, e-mail: trotta.felipe@gmail.com

e tecnologia, algo que, por vezes, transborda os conceitos canônicos sobre mídia e comunicação.

Podemos dizer que o bairro do Jurunas, na periferia de Belém do Pará, é um desses centros inventivos na apropriação tecnológica por agentes periféricos. Tradicionalmente, um bairro que abriga grandes festejos, muitas vezes ligados à religião católica, o Jurunas tem uma formação diversa e singular: por estar situado às margens do rio Guamá, se constituiu como lugar de residência de migrantes vindos do interior do estado, trazendo muito de suas culturas ribeirinhas e indígenas, ao mesmo tempo, o bairro dialoga com as últimas novidades da capital, já que está geograficamente próximo ao centro de Belém. Estas características tornam o Jurunas um ambiente que combina modernidade e tradição em sua formação social, cultural, econômica etc.

Disto, surgem novas culturas em forma e conteúdo, como o já conhecido tecnobrega. A soma de ritmos musicais locais e internacionais, o aparato tecnológico com o qual são projetadas as aparelhagens – símbolos desse segmento musical – e a formulação de um mercado fonográfico para difusão da música totalmente alheio a grande indústria são demonstrativos das influências endógenas e exógenas que substanciam a cultura contemporânea na periferia da capital paraense, em especial neste bairro.

Alguns artistas personificam bem essas relações e reformulações culturais. Desde Gaby Amarantos – desde quando esta era a vocalista da banda TecnoShow no início dos anos 2000 – até Leona Vingativa, que surge em 2009 com uma web novela no *Youtube* e, posteriormente, passa a lançar videoclipes parodiando músicas de sucesso; é possível perceber não somente a interação entre tradição local e tecnologia, mas como essa atividade está bastante ligada a relação que essas artista têm com o bairro. Há uma noção de pertencimento que é emblemática, uma identidade jurunense constantemente reafirmada por elas.

Pensar porquê essa identidade pesa tanto quando se fala dessas artistas; mais do que isso, pensar como o Jurunas alimenta artisticamente essas duas personalidades, se estas questões têm relação com a realidade concreta ou surgem mais ligadas a um imaginário criado sobre o bairro, imaginário construído interna ou externamente e; finalmente, observar como todas essas questões são permeadas pela tecnologia, pela relação com as mídias e pela construção de caminhos marginais à indústria cultural, são nossos principais interesses nesse trabalho.

O Bairro do Jurunas e a Dinâmica Entre Tradição e Tecnologia

Quando observamos a rotina de bairros periféricos como o Jurunas, desde questões econômicas até as culturais, é preciso primeiramente estar ciente das características que proporcionaram a sua formulação. Entender quais populações ocuparam esse território nos dá base para reflexões sobre as atividades artísticas que ocorrem na região, que estão ligadas às tradições dos migrantes que ali se instalaram; também nos auxilia a entender como essa população fez uso das tecnologias, da informática, do digital, para reinterpretar uma cultura pop e reoxigenar suas próprias tradições culturais.

A ocupação da região do bairro é conhecida desde o século XVII, quando da chegada dos portugueses, que observaram comunidades indígenas que ali habitavam. Entretanto, é somente a partir do século XVIII que esta área é incorporada à zona de expansão da cidade (RODRIGUES, 2008). Assim, este lugar representa a interação de aspectos ligados às origens ribeirinhas/indígenas de seus moradores somados aos signos de modernidade presentes na Belém da época. De lá para cá, é interessante observarmos como estas confluências se manifestam cabalmente na constituição social e identitária do bairro. Nesse sentido, nota-se que

Em sua configuração atual, o bairro do Jurunas situa-se, ao mesmo tempo, próximo e distante do centro da cidade. Ao mesmo tempo em que não é caminho ou passagem obrigatória ligando o centro aos demais bairros de Belém, a não ser para alguns bairros contíguos e também periféricos (Guamá, Condor, Cremação), comunica-se facilmente com os bairros mais centrais, através de amplas ruas asfaltadas, pelas quais pode-se chegar com certa facilidade, mesmo em um percurso a pé.” (RODRIGUES, 2008, p.147)

É a partir dessa diversidade de influências, interações e fluxos que se forma um conjunto de práticas identitárias, especialmente representadas pelas suas atividades festivas, dando ao ser jurunense uma gama de características próprias, constantemente disparadas e afirmadas por personalidades internas ou externas ao bairro.

O Jurunas é um lugar de grande riqueza cultural devido a estes atravessamentos, ganha significado e significância justamente por meio das vivências dinâmicas e diversas dos moradores, por esse transcorrer de fronteiras físicas e sociais que não dão conta de dizer o que esse ambiente representa, mas que fazem dele um ambiente singular. Nessa esteira é que surge uma identidade distinta, a partir de redes de interconhecimento que

valorizam uma identidade de território, valorizam seu próprio espaço, o espaço ao qual pertencem e do qual são agentes construtores. Esse lugar, que lembra o interior e, ao mesmo tempo é um lugar na cidade, um lugar moderno (RODRIGUES, 2006 p. 256).

É dessa consciência de território e pertencimento, dessa rede de sociabilidade, que nasce o “orgulho de ser jurunense”, um entendimento de que “para ser universal, é preciso amar as coisas do lugar” (RODRIGUES, 2006 p. 257). Ademais,

...o Jurunas é, para seus moradores, um lugar, seja um lugar inventado, um lugar simbolicamente construído e defendido por eles. Diferentemente dos outros bairros mais centrais que têm, em sua configuração geral, uma boa infra-estrutura (mercados, padarias, escolas), o Jurunas não se apresenta apenas como uma configuração de bairro, não é apenas um bairro, mas um lugar que existe, que tem menos do que muitos outros bairros em termos de infra-estrutura, boas escolas, mas que existe, enquanto um lugar de sentido, como muitos outros bairros talvez não existam, porque, para seus moradores, assim foi criado, com todas essas características que fazem com que ele seja diferente de qualquer outro lugar. (RODRIGUES, 2006, p.257)

O que se reconfigura, a partir deste século, é a incorporação das novas tecnologias à dinâmica territorial já difundida. Como vimos, desde sua estruturação e anexação à cidade, muito devido a região na qual se encontra – às margens do rio Guamá e próximo ao centro de Belém – o Jurunas é espaço de diálogo constante entre localismo e cosmopolitismo. Agora, com a popularização informacional, o maior acesso a computadores e ao digital, é dada nova roupagem às interações sociais, políticas, econômicas e culturais do bairro. E porque suas festas são umas das mais fortes características da região, é nelas que se destacam essa nova era da dinâmica entre a tradição e a tecnologia.

O bairro, já reconhecido como um “caleidoscópio de imagens e signos sonoros e visuais” passa a produzir, tanto sonora quanto visualmente, uma estética que está mutuamente ligada aos ritmos tradicionais, como o carimbo e o calypso paraense, e a cultura pop globalizada. Manifestadamente, o surgimento do tecnobrega é o maior símbolo dessa fusão. Mas, se nos for permitido ir para além deste, é interessante que se repare nas produções audiovisuais, muita das vezes demasiadamente amadoras, que se tornam mais viáveis desde a popularização dos aparelhos celulares com câmeras. Um caso particular nos chama atenção, o qual ganhou até mesmo projeção nacional à época – final dos anos 2000 – que é a web novela conhecida como “Leona, assassina vingativa”.

Tanto o tecnobrega quanto a difusão de vídeos nas plataformas digitais como o *Youtube* e afins, trouxeram à tona grandes ícones do bairro: a cantora Gaby Amarantos – vocalista da banda TecnoShow, primeira banda de tecnobrega a ascender – e a artista Leona Assassina Vingativa – protagonista da web novela de mesmo título – são talvez dois dos mais emblemáticos casos de sucesso.

A identidade de bairro é constantemente reafirmada por ambas ao decorrer de suas carreiras, em suas formas de produção artística – ousamos falar que até mesmo em suas estéticas – e em seus discursos. Nesse sentido, é possível reparar como a identidade artística e a identidade de bairro se condensam e retroalimentam, o lugar, a origem dinâmica que dá vida a estas artistas, é o maior símbolo de quem elas são.

Apesar das contradições de se viver na periferia, num espaço à margem do poder público, existe ainda uma visão positivada do local. Entre as aferições positivas – do lugar da alegria, da família, dos festejos – e negativas – do lugar do perigo, da bandidagem – constituem-se carreiras artísticas que versam sobre esse ser jurunense, de modo que ambas as artistas representam essas diferentes camadas.

Essa complexidade não deve ser de modo algum romantizada, é preciso entender que representações artísticas que nascem em território periférico são atravessadas por diversas mazelas ocorrentes neste local e que, apesar de o bairro do Jurunas ser berço de cultura na cidade de Belém, ser artista jurunense não se torna uma tarefa menos árdua. Crescer na periferia é crescer diante de constantes negativas, carreiras que “vingam” são exceções e, apesar de Gaby e Leona representarem exceções no que diz respeito a projeção e sucesso, não significa que seus percursos foram ou são menos inviabilizados pela (des)estrutura social que assola tais regiões e sujeitos que as habitam.

O Tecnobrega

O tecnobrega, vale ressaltar, mobiliza muito mais do que ouvidos. A música está relacionada diretamente ao viver daqueles que a escutam e fazem. Mais além, sendo este gênero produzido, tocado e dançado quase que em sua totalidade em espaços das periferias de Belém, ele caracteriza um estilo de vida que se reflete no modo de vestir, falar, agir etc.

Tais formatos de socialização não surgem com o tecnobrega. Poderíamos dizer que são repaginados por ele, o qual aglutina elementos das tradições culturais aliando-os a aparatos tecnológicos disponíveis. O eletro-ritmo é justamente a promessa de modernização da popular música brega, em conjunto com sonoridades locais como as guitarradas e o carimbó.

O interessante aqui é como esse novo ritmo tem na periferia seu ponto de partida e chegada, não encontrando o caminho da indústria fonográfica e criando relações de produção e consumo alheias a ela, porém bastante articuladas.⁴ O Tecnobrega, essencialmente, tem no fluxo de mercadorias globalizadas, na velocidade das apropriações de produtos e bens simbólicos e no processo de hibridação e circularidade sua principal justificativa de existência (BARROS, 2009). É um símbolo de apropriação dos sujeitos periféricos das tecnologias a eles disponíveis para reinterpretações e consequente difusão de cultura popular local.

...as aparelhagens são uma tradição local, com mais de 60 anos de história, agora transformadas em verdadeiros espetáculos tecnológicos. Gigantescos sistemas de som e iluminação, telões de led e atrações-surpresa, quase sempre garantidas por algum aparato tecnológico que possibilite, por exemplo, o vôo de uma águia mecânica no momento máximo da festa (Super Pop – Águia de Fogo), são trunfos que garantem a popularidade desses encontros. (BARROS, 2009, p.66)

Além da dinâmica de interação entre ritmos locais e globais, a música tecnobrega é uma expressão que “traduz um pensamento estético da periferia de Belém de forma territorializada”, sintonizada com as influências culturais características do lugar em que se é produzida, ao passo que se encontra em sintonia com a produção musical global (BARROS, 2015).

Nesse sentido, o bairro do Jurunas é um lugar importantíssimo para se entender em que consiste o tecnobrega e o que ele representa para a cultura periférica neste século. Amplamente reconhecido como um bairro de efervescência cultural, é nele que encontraremos muitos dos sujeitos que irão protagonizar esse mercado: alguns djs, algumas bandas e grande parte do público das festas de aparelhagens são moradores do

⁴ Entre o final dos anos 2000 e início dos anos 2010, o tecnobrega ganha algum espaço na indústria fonográfica nacional, com Gaby Amarantos sendo a maior aposta do setor para representar o ritmo. Entretanto, o mercado do tecnobrega ainda é essencialmente alternativo e casos como o de Gaby continuam a ser raras exceções.

bairro. Acostumado a essas interações culturais dinâmicas, o Jurunas é excelente residência para a música tecnobrega que,

...circula, ao mesmo tempo, como uma música que atualiza uma tradição musical típica da região Norte do Brasil, movida por suas próprias singularidades; e como uma música que está em total sintonia com as novas dinâmicas de produção musical praticadas em escala global, o que impacta na construção de valor e significado dessa cena musical no contexto periférico e global. (BARROS, 2015, p. 146)

Uma das trajetórias que mais representa essa localidade jurunense em consonância com a propagação do gênero tecnobrega é a de Gaby Amarantos, personalidade que surge como vocalista da banda TecnoShow e em seu percurso de firmamento no mercado musical, seja ele o alternativo – desenvolvido propriamente para a comercialização de música tecnobrega – ou o “legal” – no qual tenta carreira após a projeção nacional de seu nome e saída da banda – sempre recupera sua identidade local, até por ter consciência de que sua proposta artística ganha muito mais sentido quando relacionada ao território e cultura de onde vem. Gaby Amarantos é uma das maiores “contadoras” e “defensoras” de uma certa “história do tecnobrega” e, ao defender essa narrativa, sua trajetória e sociabilidade no bairro do Jurunas é latente.

Os Ícones

A banda TecnoShow foi o maior símbolo do tecnobrega na década passada, consequência de seu sucesso de público, mas também de sua projeção nacional na mídia, ocupando espaço na cultura institucionalizada (BARROS, 2015). Com o fim da banda, Gaby Amarantos carrega o seu legado, difundindo nacionalmente não só os aspectos sonoros, mas o lugar periférico no qual o tecnobrega encontrou solo, brotou e fez morada.

Em 2012, com o lançamento nacional de seu primeiro álbum solo, “Treme”, Gaby entra em muitas das listas de melhores álbuns do ano, agregando valor não só a sua carreira, mas também ao próprio tecnobrega. Há algum tempo, importa dizer, é possível perceber que a concepção de arte vem ganhando aspectos mais políticos – o que de forma alguma representa a ausência de técnica ou uma estética menos rica – na tentativa de incorporar criações marginais. Essa virada do tecnobrega, do mau gosto ao *gourmet*, é fruto justamente dessa tentativa de diversificar o cenário artístico, neste caso, o musical

brasileiro, incorporando novos gêneros e práticas para além dos ritmos tradicionalmente aferidos como “nacionais” – o samba, a MPB e a Bossa Nova.

Apesar dessa tentativa de “gourmetização”⁵, uma das consequências da valorização do tecnobrega, o ritmo ainda é essencialmente popular, massivo e periférico em Belém do Pará. De fato, existem festas de aparelhagem em locais mais nobres da capital, mas podem ser vistas como uma espécie de fuga da elite, que não reafirma em seu cotidiano de relações os símbolos que constroem o tecnobrega não somente como ritmo musical, mas como movimento cultural.

Nesse sentido, a música tecnobrega continua dialogando diretamente com o território periférico, entendendo território não somente como um espaço geográfico, mas um espaço de vivência, assim como nos referimos ao bairro do Jurunas no decorrer deste texto. Percebe-se, então, que Gaby Amarantos, mesmo ganhando alto valor na música nacional, ainda dialoga com a periferia e reivindica sua identidade jurunense, bem como é acionada e orgulhosamente citada por moradores do bairro como uma artista filha daquela terra.

Em uma outra perspectiva, com características bastante distintas, mas que tem na noção de pertencimento e identidade traços comuns, temos a carreira artística da também jurunense Leona. Em meados dos anos 2000, surge como uma febre a webnovela “Leona, Assassina Vingativa”, encontrada nos celulares dos moradores do bairro do Jurunas e demais periferias de Belém e no site *Youtube*.

Ao contrário de Gaby, Leona é uma artista periférica que produz artisticamente sem base de sustentação⁶. Enquanto Gaby tem projeção nacional por meio de mídias institucionalizadas, como a televisão e certa atribuição de valor por parte da crítica, conseguindo alcançar um patamar artístico legitimado, a webnovela de Leona surge com dois jovens gravando vídeos extremamente amadores e engraçados, que ganham popularidade pela sua desenvoltura e o teor cômico que detêm. Não há um círculo, um movimento local com partidas e chegadas muito bem definidas, há, tão somente, o anseio

⁵ Entender gourmetização não num sentido pejorativo, como frequentemente é utilizado, mas como um processo de refinamento de um produto (a música tecnobrega) de origem popular e periférica, reposicionando cultural e esteticamente este ritmo e elevando seu valor enquanto música de qualidade.

⁶ Aqui, nos referimos especialmente ao patamar artístico que Gaby ocupa hoje. Nesse sentido, a sustentação de que falamos é dada por fatores e sujeitos que constroem a grande indústria fonográfica, externos à dinâmica cultural e social do bairro. Leona não é forjada artisticamente como Gaby por diversos fatores, dentre eles a não associação da artista ao tecnobrega.

de, na era informacional, produzir e compartilhar momentos, talvez alcançar fama e, talvez, conseguir romper as barreiras socialmente impostas para quem cresce fora do centro. Não que essas questões fossem muito bem formuladas à época, mas continuamente, sujeitos periféricos buscam ascender através da arte e da cultura, visto que habitam lugares desfavorecidos pelo poder público, com poucas escolas, muitas delas em condições precárias.

Foi através do *Youtube* que Leona alcançou a fama nacional, num momento em que fazer carreira na plataforma não era algo tão lucrativo como hoje. Com o passar dos anos, o nome de Leona adormecia, pairando em conversas dos moradores do bairro, muito dos quais a conheciam da rua; e entre o público LGBT, que a adotou como um ícone.

Foi com a versão de uma música de Gaby Amarantos que Leona retornou ao cenário artístico local e nacional. “Eu quero um boy” (2014) foi “a música da copa” na cidade de Belém. Dialogando com vivências LGBTs e periféricas, Leona grava no bairro do Jurunas uma ode sobre a vivência da Copa do Mundo de Futebol Masculino no bairro, apresentando características festivas já reconhecidas da identidade jurunense. Com mais de um milhão e meio de visualizações no *Youtube*, o videoclipe apresenta a cultura jurunense de forma inovadora que, apesar de engraçada, não se torna estereotipada ou caricata.

Ao trazer referências do bairro e difundi-las pelas mídias sociais, a artista reincorpora as noções de pertencimento e identidade tradicionalmente presentes na comunidade jurunense, introduzindo sujeitos invisibilizados até mesmo nessa conjuntura e os apresentando para o mundo. Entre altos e baixos característicos de carreiras artísticas alternativas não-elitizadas, Leona adquire a fama, entretanto, lhe falta status mesmo de artista, ocupando somente esse lugar de “difusora de vídeos engraçados na internet”.

Somente em 2019 podemos perceber um movimento de inserção de Leona no meio cultural e artístico legitimado pelas instituições. Os pontos chave dessa inserção são o documentário “Leona”, de Clara Soria e Hugo Resende, lançado no dia vinte e dois de junho no Centro Cultural São Paulo como parte da programação “Cinema em Transe” e seu ensaio para a Revista Vogue Brasil, também de junho deste ano. Nos parece, finalmente, que as representações artísticas levantadas por Leona passam a ocupar um lugar de mais prestígio por parte das diversas áreas de mídia, artes e comunicação, como o audiovisual, a música e a moda.

Um elemento interessante presente no documentário “Leona” é a presença de Gaby Amarantos, reafirmando suas identidades de bairro ao se referir a Leona como “uma menina do meu bairro, da periferia, do Jurunas”, marcando não só origens semelhantes, mas apresentando essas origens como elementos na construção da personalidade artística de ambas. Afinal, Leona também recupera traços das tradições jurunenses em suas performances artísticas e em seus videoclipes, mais ainda, Leona filma a realidade do bairro de modo inventivo e cru, engraçado e estarrecedor. É impossível assistir aos videoclipes de Leona sem perceber as dificuldades que perpassam as realidades da periferia, sem perceber a falta de saneamento, de infraestrutura e a pobreza escancarada que ali existe.

Leona talvez seja, atualmente, o símbolo maior do que representa esse dinamismo jurunense entre o tradicional e o global, entre a relação com o bairro e a difusão midiática de proporções que o ultrapassam e ganham novos territórios, entre a pobreza e a ausência em diálogo com a tecnologia de “livre” acesso.

Conclusão

As periferias da capital paraense, em especial o bairro do Jurunas, não podem ser vistas como espaços exteriores ao sujeito. É através da periferia que a cidade contemporânea se expande, pois esta constitui “um formidável e heterogêneo movimento de formas, paisagens, modo de organização e modo de vida” (VILLAÇA, 2011, p. 4).

Assim, o Jurunas se torna um espaço vivido. Suas práticas culturais dão sentido de localidade e de pertencimento a um território, estão diretamente relacionadas ao cotidiano dos moradores, ligando-os em redes de sociabilidade que auxiliam e reforçam a manutenção dessa identidade (RODRIGUES, 2006). O processo de apropriação tecnológica por sujeitos socialmente excluídos que ocorre no bairro e sua positivação endógena e exógena, reconhece a importância de procedimentos criativos como práticas cotidianas, como “espaço de interação e construção de valor, considerando a textura social das produções culturais e o diálogo que elas estabelecem entre si.” (BARROS, 2015, p. 140).

As culturas periféricas digitalizadas têm grande poder de comunicação, o tecnobrega, mesmo alheio à indústria fonográfica, está longe de ser *underground*, dialogando com as tradições populares amazônicas e paraenses e massificando-as através da junção destas com tecnologias e elementos da cultura pop global, construindo um mercado alternativo mundialmente reconhecido.

Gaby e Leona são evidentes representações dessas noções territoriais contemporâneas, somadas as peculiaridades de um bairro que nasce à margem de um rio amazônico, na grande capital paraense. Não é possível desterritorializá-las, suas identidades artísticas são reconhecidas através do lugar de onde vem, sendo este lugar visível em suas próprias performances artísticas de forma mais ou menos descarada.

Leona sempre trouxe em seus conteúdos audiovisuais a arquitetura e sociabilidade do bairro, a estética do tecnobrega da qual Gaby é fruto muito se relaciona com as vivências cotidianas do jurunense, fora isso, é constante em entrevistas a reverência ao bairro e às suas origens.

Recentemente, Gaby Amarantos lançou um par de videoclipes que marcam seu retorno às raízes do tecnobrega, algo que reforça ainda mais essa ideia de pertencimento, de “volta ao lar”. Em “Ilha do Marajó” e “Cachaça de Jambu”, são acionados dispositivos que se relacionam com a cultura belenense, todavia, mais forte do que isso, estes dispositivos estão ligados às origens ribeirinhas da população do bairro e, conseqüentemente, a formação familiar e social da identidade jurunense da artista.

O Jurunas está longe de ser um paraíso moderno. Essas ausências, quando misturadas às tradições culturais que nascem da formação populacional desse território, proporcionam uma diversidade e criatividade artística bastante interessante. Gaby Amarantos e Leona Vingativa são personagens desse lugar que é ao mesmo tempo locação e sujeito protagonista e que se reinventa culturalmente enquanto o poder público o rejeita.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lydiá. Tecnobrega, entre o apagamento e o culto. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n12, 2009.1. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_completa.pdf. Acesso em: 29 jun. 2019.

_____. A validação do tecnobrega no contexto dos novos processos de circulação cultural. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 135-149, 2015.

FREITAS, Deyse Kelly Gonçalves de. **REDIMENSIONAMENTO DA INDÚSTRIA CULTURAL E PIRATARIA**: Estudo de caso do tecnobrega em Belém do Pará. Bahia: [S. n.], 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14151.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.

GABY Amarantos exalta a cultura do Pará nos dois novos clipes; confira. **Correio Brasiliense**, [S. l.]. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/14/interna_diversao_arte,763025/novo-clipe-de-gaby-amarantos.shtml. Acesso em: 15 jun. 2019.

LEONA Vingativa é destaque na Vogue. **Diário Online**, Pará. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/entretenimento/fama/noticia-603562-leona-vingativa-e-destaque-na-vogue.html>. Acesso em: 22 jun. 2019.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/875/1/arquivo7229_1.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. O bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá. **Revista Mosaico**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-156, 2008.

VILLAÇA, Nizia. **A Periferia Na Idade da Mídia**. Pernambuco: [S. n.], 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2432-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.